

PERCURSOS INVESTIGATIVOS EM DISCURSO, CULTURA E ENSINO

Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira (UFG)

Wéber Félix de Oliveira (UFRJ)

Introdução

Este capítulo⁴¹ surge a partir do “I Encontro Interinstitucional online de pesquisadores” que ocorreu em 2020, no qual estudiosos, de diversas instituições de ensino superior do Brasil, puderam (com)partilhar os trabalhos em desenvolvimento naquele momento, na área do Ensino, Cultura e Discurso. Assim, esse texto, inspirado por esse movimento de dar visibilidade às discussões e reflexões acerca dessa temática, traz a público as principais perspectivas de pesquisa, em curso, no Grupo de Pesquisa DICE - Discurso, Cultura e Ensino -, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Este trabalho não é apenas um retrato das in-

41 Este texto teve a colaboração do estudante bolsista da Faculdade de Letras – UFG, Joao Victor Santos Bufaiçal, para o levantamento de informações que compuseram o trabalho.

curções realizadas pelo grupo nesse campo epistemológico, mas é também um convite a novos/as pesquisadores/as a fazer parte desse esforço conjunto.

Pensar a relação entre discurso e cultura pode parecer até redundante, uma vez que esses dois conceitos estão intrinsicamente conectados e se correlacionam. Apesar dessa constatação não ser algo tão recente, acredita-se que há muitos nós dessa trama a ser desvelados e são esses nós que nos interessam. A partir dessa perspectiva, compreende-se que as interações sociais são os mecanismos, essenciais, para o registro do ser humano e de suas singularidades no mundo. É através dessas relações que o pesquisador/a pode adentrar aos processos de constituição do ser humano, mas também problematizar a existência dele e as relações que são estabelecidas a nível sócio-histórico-cultural e discursivo.

Dada a variedade de caminhos possíveis a serem percorridos nesse campo de investigação, foi necessário construir parâmetros e categorias que direcionassem os olhares dos pesquisadores e pesquisadoras que compõem o Grupo DICE. Assim, todos os projetos de pesquisa desenvolvidos por nossos colaboradores atravessam o objeto “cultura”, entendida em sua individualidade ou coletividade, com suas especificidades e pluralidades, sem perder de vista os processos discursivos que a permeiam. Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos a cultura, em uma perspectiva antropológico-discursiva, como “conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” (BOSI, 1995, p. 319), em que a interdiscursividade se manifesta.

Tendo como ponto de partida a cultura, como exposto acima, nos debruçamos sobre as relações sociais que envolvem o sujeito do dizer, especificamente, aquele que figura no cenário do Ensino, em suas múltiplas facetas. Faz parte do escopo de investigação tanto os processos que relacionam as perspectivas discursivas no

ensinar, quanto os processos para o ensinar e ao ensinar. A partir dessa conjuntura, destacam-se as problematizações acerca: a) do discurso e ensino de leitura; b) das estratégias discursivas e (multi) letramentos; c) da linguagem inclusiva, discurso e ensino; d) dos projetos de ensino em perspectiva discursiva; e) de outros que envolvam as relações (inter) subjetivas em instituições de ensino.

Para refletirmos as relações trazidas acima, partimos do pressuposto de que o discurso, como lugar do dizer, é o lugar em que se impera a interdiscursividade, conforme é apontado por Maingueneau (2015). Compreendemos, dessa maneira, que o discurso é a instância por excelência, em que se estabelecem as (inter)relações de poder e (inter)incompreensões; não se resumindo aos aspectos da vida social, mas sim, ao local onde eles se dão, daí sua materialidade. (CARREIRA, 2020). Diante essa exposição, é salutar evocar os ensinamentos de Geraldi (1984) nos quais apontam que a ação docente em sala de aula deveria ser o processo de ensino de língua em que se leva em consideração os aspectos linguístico-discursivos. Assim, a instância de ensino e aprendizagem pode ser considerada como um lugar de operacionalidade do discurso atravessado por elementos culturais. Ou seja, a sala de aula, como qualquer outro espaço da sociedade, é o lugar do discurso.

Ao pensar o local do ensino como espaço de materialidade de discursos, concordamos com o autor quando ele afirma que a interação deveria ser o cerne do ensino-aprendizagem de uma língua. No entanto, a escola, normalmente, dá muita ênfase à metalinguagem, o que pode ser um fator importante para impedir o desenvolvimento de boas práticas de ensino-aprendizagem. (GERALDI, 1984). Entendemos, pois, que são essas práticas discursivas que levam a ações que propiciam, por exemplo, o letramento dos seres humanos. A língua é poder e o acesso à Educação é um caminho possível para que se rompa com as cadeias de dominação e reestrutura a sociedade, como é observado pelo autor (GERALDI, 2012).

Tendo em vista o que foi dito anteriormente, nos propomos adentrar às práticas discursivas em sala de aula para observar e refletir como o ensino de língua, em perspectiva discursiva, ancorado ao letramento, pode levar à formação de uma consciência democrática e também ao empoderamento do sujeito envolvido nesse processo. Assim, este capítulo se divide em três partes. Na primeira, traçamos um sintético painel teórico para situar o respaldo investigativo do grupo. Na segunda, apresentamos nossas pesquisas e temáticas de interesse e na última seção, resumidamente, apresentamos algumas pesquisas já desenvolvidas pelo Grupo DICE e outros, que se encontram em andamento.

Breve perspectiva teórica: leque multiversal

A perspectiva de estudos do Grupo DICE está vinculada aos pressupostos teóricos que são assumidos por ele e que também o nomeia, assim sendo, o grupo desenvolve projetos de pesquisa em temáticas que envolvem, diretamente, as disciplinas com foco no discurso, na cultura e no ensino. Para tanto, levamos em consideração o aspecto multidisciplinar da Análise do Discurso e seu papel na investigação dos processos enunciativos e suas complexidades. Nesse sentido, é salutar, para a continuidade dessa leitura, trazer à tona uma preocupação de Maingueneau (2007) sobre os estudos desse campo e seu aspecto interdisciplinar.

O autor reconhece que o cenário de pesquisas da AD é complexo e possui algumas problematizações que circunvizinham o processo de legitimação, mas também de reconhecimento dos limites da disciplina “Análise do Discurso” por pesquisadores que se ocupam desses saberes, ao desenvolver seus estudos. A dificuldade em definir os limites dessa disciplina é vista por ele, como justifi-

cativa para que alguns pares desconsiderem o trabalho realizado até então, ao ponto de questionar a disciplina, se ela possui atributos suficientes para defini-la como pertencente ao conhecimento científico.

É a partir dessa problematização que o campo da AD se fortaleceu ao longo dos anos. Tanto Maingueneau (2007), quanto Cano (2012) orientam que os olhares para a AD devem ser outros, diferentes daqueles estabelecidos pelos estatutos de uma tradição positivista sobre o que é a Ciência. Para esses autores, não há dúvidas de que se reconheça na AD, o caráter disciplinar e científico dela. Contudo, para que esse exercício se concretize, é necessário que o reconhecimento se faça a partir da transdisciplinaridade da AD e de suas possibilidades teóricas e metodológicas.

Ao admitir o caráter transdisciplinar e Multidisciplinar da AD, Maingueneau (2007) não apenas reconhece a natureza heterogênea dessa disciplina, mas valoriza as conexões epistêmicas com outros campos, os quais podem munir o pesquisador com elementos essenciais para o desenvolvimento da reflexão sobre o objeto em análise. Em consonância ao autor, Cano (2012) argumenta que essa essência científica está diretamente conectada com a existência do sujeito pesquisador, uma vez que o olhar desse profissional para o objeto de pesquisa não pode ser realizado de forma fragmentada, mas sim, de maneira integralista. Assim, podemos inferir que o trabalho do analista requer do sujeito-pesquisador uma atitude integral que vai acionar diversos campos de saberes para que se consiga alcançar êxito na atividade investigativa.

Nesse sentido, Cano (2012) nos alerta que a transdisciplinaridade não corresponde a um movimento de pura justaposição de disciplinas que comporão as bases para uma pesquisa. Para o autor, os diversos saberes se reorganizam em uma tessitura teórico-metodológica própria, referente ao projeto de pesquisa circunstanciado,

mas que está, a todo momento, orientada e submetida às restrições impostas pela AD metodológica e teoricamente.

Mesmo que haja um estatuto bem definido do que seja AD, um caráter epistêmico limitado e normas de procedimentos a serem seguidas, Maingueneau (2007, p. 16) reafirma a impossibilidade de defini-la a partir de um quadro de homogeneidade, isso porque, segundo o autor há: a) variabilidade das bases científicas em que a AD foi gestada; b) diversidade de disciplinas externas acionadas durante o processo de investigação; c) variabilidade filiações epistêmicas dos pesquisadores; d) multiplicidade de corpos elegidos pelos pesquisadores; e) diversidade de aspectos discursivos colocados em análise.

Diante da diversidade de lugares de dizeres e filiações epistêmicas possíveis, Cano (2012) explica que a AD pode se configurar como um sistema aberto, flexível e dinâmico. Assim, ao reconhecer essa natureza, argumenta que a AD é um espaço em construção, mas isso não significa, segundo ele, que a disciplina prescinde do rigor científico exigidos no cumprimento da atividade investigativa e análise do objeto de pesquisa. De forma semelhante, Maingueneau (2007) assegura, por meio da voz de Berthelot (1996), que ela, como qualquer outra disciplina, é um espaço de construção de argumentações, no qual traduz-se em espaço social de legitimação de saberes. Assim, ao assumirmos a transdisciplinaridade, multidisciplinaridade ou a interdisciplinaridade de uma disciplina, inferimos que o seu caráter construtivo tem origem em vários campos de pesquisa/saberes advindos dos estudos dos processos de interação em seus aspectos sociais, históricos, psicológicos e culturais, sem que isso afete seu status de cientificidade.

Ainda sobre esse tópico, Maingueneau (2007) comenta da impossibilidade de se admitir que uma disciplina seja um plano

estável. Ao contrário disso, ele roga para que os pesquisadores compreendam que ao assumir a instabilidade de uma disciplina, consideramos sua dinâmica de construção. É, pois, nos limites estabelecidos pelos procedimentos científicos de um dado campo de saberes, que as abordagens (re)constróem esses limites e avançam em direção a novas fronteiras. A instabilidade é sinal evidente da prática de pesquisa que a todo tempo tenciona teorias, procedimentos metodológicos, saberes e seus objetos para avançar sob o desconhecido.

Para compreendermos a dimensão desse campo de estudo é importante fazer uma síntese da história dos principais estudos sobre discurso para compreendermos o processo comunicativo humano e como a construção discursiva está presente em nossas ações diárias de expressão e como esses processos interseccionam as temáticas que compõem os horizontes de pesquisa do grupo, sejam elas: discurso, cultura e ensino.

Tivemos vários expoentes que iniciaram os estudos sobre o discurso como Bakhtin na Rússia, Foucault e Pêcheaux na França e Goffman nos Estados Unidos. Dessa forma, seria impossível e contraditório traçar uma história linear que pudesse contar o desenvolvimento dessas correntes nos estudos do discurso, uma vez que cada autor propôs uma abordagem diferente sobre o discurso, como nos alerta Maingueneau (2015). Os estudos sobre análise do discurso se estruturaram, tal como o conhecemos hoje, somente a partir de 1960, quando surgiu a preocupação com o funcionamento da linguagem em uso. Diferentemente da perspectiva estruturalista, os estudos passaram a lançar seu olhar sobre a dimensão social (MELO, 2009). Mas em 1952, o estruturalista americano, Harris, segundo Melo (2009), já nos dava pistas de como o texto poderia representar ou ser reflexo do mundo.

Harris, segundo Maingueneau (2015), foi o primeiro a apresentar uma possibilidade de conceituar discurso. Para Harris (*apud* Maingueneau, 2015), se tratava de uma unidade linguística constituída de frases, ou seja, o próprio texto. Era preciso decompor o texto para assim podermos fazer correlações entre a língua e as formas de comportamento que predominavam no tempo e espaço em que o texto fora construído. Para aquele autor, o discurso produzido correspondia diretamente a uma realidade sócio-histórica. No entanto, ele enxergava o texto como uma estrutura extraída dessa realidade, o texto como “fora” do mundo.

Como dissemos anteriormente, é somente na década de 1960 que emergiram as problemáticas que convergiam para os atuais estudos sobre o discurso, mas não nos esqueçamos de que esses projetos se diferenciaram na elaboração de conceitos e na forma como os olhares se debruçaram sobre o objeto. Nos Estados Unidos, os estudos do discurso se aproximaram do que vinha se desenvolvendo com as teorias da Antropologia e da Sociologia e que propunha uma análise das interações orais. Enquanto isso, na França, desenvolveu-se uma disciplina de análise da estrutura dos textos para que se compreendessem os sentidos contidos neles. Sobre os pilares conceituais do Estruturalismo francês, se origina os primeiros procedimentos teóricos e metodológicos específicos para os estudos do discurso (MELLO, 2009), quando já encontramos uma postura analítica, por exemplo, em Benveniste (2005; 2006) e em seus estudos sobre enunciação, nos quais o autor apresenta problemáticas a serem (re)consideradas pela Linguística na relação entre sujeitos, tempo e espaço.

Maingueneau (2015) explica que autores como o linguista Dubois e o filósofo Michel Pêcheux lançaram-se sobre as unidades textuais, auxiliados pelas ferramentas da própria linguística para “compreender as relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos”. (MAINGUENEAU, 2015, p.

19). Foucault, outro expoente francês dos estudos sobre o discurso, também vai além das estruturas textuais, vocabulários e sintaxe. Para Foucault (*apud* MAINGUENEAU, 2015), os estudos do discurso e, propriamente, o conceito se fundavam estritamente as regras e as práticas que produziam enunciados. Para esses autores, enunciados são dotados de sentidos que regulam o próprio discurso, assim, os sentidos podem ser considerados como regras que se originam fora da linguagem e que se estabelecem a partir do contexto sócio-histórico.

Melo (2009) nos ensina que o conjunto desses estudos busca, a partir desse momento, entender a relação do sujeito com o funcionamento da linguagem, apesar de não haver um consenso entre os especialistas sobre um conceito único sobre discurso. De forma geral, sem nos atermos às correntes as quais os diversos autores se filiaram, a análise discursiva procura compreender o que há por meio da língua(gem), uma vez que os especialistas entendem que a língua não é transparente. Dessa forma, os principais estudos focam suas pesquisas sobre as relações de poder, a institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica e as diversas manifestações humanas (MELO, 2009).

A história dos estudos discursivos pode ser, então, dividida em três fases que se distinguem de acordo com a maneira que o discurso é percebido pelos estudiosos. Melo (2009) traz essa divisão de forma conceitual. Essa didática é importante para podermos, assim, compreendermos as intencionalidades dos autores e a maneira com a qual cada autor discorreu acerca de um método-teórico próprio. A primeira fase é a chamada máquina estrutural-discursiva na qual os discursos estariam sempre ligados a uma filiação teórico-doutrinária e cada pessoa estaria dentro de um campo discursivo. Por exemplo, quem se aproximasse de um partido comunista só poderia construir um discurso comunista.

A segunda fase da análise do discurso foi marcada pelo amadurecimento dos estudos sobre o objeto com a construção de um novo conceito: a noção de formação discursiva,⁴² que foi amadurecida por Foucault. Na década de 1975, os analistas entendiam que o que determinava um discurso era a origem social que o sujeito ocupava. Assim, o sujeito seria assujeitado por essas regras e forças do espaço e tempo em que o sujeito fazia parte. E, por fim, a terceira fase dos estudos introduz a noção do interdiscurso em que se passa a pensar que “[...] os discursos não operam sobre as realidades das coisas, mas sobre outros discursos e que a linguagem é, fundamentalmente, heterogênea, o que evoca as noções de dialogismos” de Bakhtin (MELO, 2009, p. 8).

Para Bakhtin (*apud* MELO, 2009), o discurso apresenta-se em dois níveis, o primeiro, que poderia ser acessado por marcas deixadas na superfície do texto, e o segundo, que só poderia ser conhecido quando se acessava a memória discursiva que é construída pela formação social e ideológica. Importava para os analistas do discurso, como dissemos anteriormente, as práticas sociais que eram mediadas pela linguagem e a forma como eram construídos os sentidos discursivos a partir dessas interações. “O grande objetivo dos estudos do discurso era detectar os diferentes processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem e que a fez direcionar suas bases epistemológicas”. (MELO, 2009, p. 5). Orlandi (2005) explica que a base desse pensamento era a de que o sujeito fosse, dessa maneira, assujeitado pelo discurso. Para que se chegasse a esse denominador conceitual, a própria autora reconhece o entrelaçamento das principais ideias que se origina-

42 O conceito Formação discursiva foi utilizado pela primeira vez por M. Pêcheux em texto publicado em 1968 e foi trazido depois por Foucault em outro texto em 1969. No entanto, vale ressaltar que os dois autores fazem abordagens diferentes. De forma, resumida Pêcheux relaciona FD àquilo que pode e deve ser dito a partir de um contexto social. Já, Foucault conceitua como o conjunto de enunciados que são regidos por regras e práticas discursivas em um dado campo ideológico. (DEUSDARÁ, 2017).

ram de outras três bases epistemológicas: a Linguística (estrutura linguística), o Marxismo (materialismo histórico) e a Psicanálise (sujeito), conforme demonstrado na imagem que se segue.

Outro pilar que ajuda o analista a entender a concepção de discurso é a relação que foi trabalhada pelo filósofo Althusser sobre o materialismo histórico com base nas premissas do Marxismo. O autor reconhece a ideia de aparelhamento ideológico das práticas sociais dos sujeitos. Segundo ele, os indivíduos atuam em suas práticas sociais guiados pelos interesses ideológicos que são ligados aos aparelhos ideológicos do Estado. A partir do discurso, segue ele explicando, que é possível identificar traços ideológicos que atravessam o sujeito.

Imagem 1 - Pilares epistemológicos dos estudos da análise do discurso.



Fonte: Adaptado de Melo (2009).

Melo (2009, p. 6) nos lembra que a “igreja, o sindicato, a família, entre outras instâncias de valor simbólico e institucional delegam significado em nossas vidas”. Para Althusser (*apud* MELO, 2009), esses valores simbólicos ou como queiram essas ideologias

aparelham os sujeitos e dessa maneira contribuem para a formação deles. Orlandi (2005) acrescenta que o materialismo histórico implica que haja um “real na história de tal forma que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente”. (ORLANDI, 2005, p.19). Enquanto isso, a Psicanálise Lacaniana empresta ao campo a noção de que o sujeito é constituído por duas partes, o consciente e o inconsciente, sendo que esse último é de suma importância para a constituição de si. A ideia de Lacan (*apud* MELO, 2009) é que a formação do sujeito é resultado do inconsciente que se coloca a partir do discurso do outro. Melo (2009) explica que “[...] o sujeito é atravessado e estruturado pela linguagem alheia e não possui autonomia sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas apenas ocupa um lugar social dentro de um processo histórico de onde enuncia”. (MELO, 2009, p. 6).

O conceito de discurso, segundo Maingueneau (2015), pode ser compreendido de diferentes formas, a depender do emprego que uma corrente ou da forma como um autor se apropria para falar desse conceito. Para tanto, podemos elencar algumas características pelas quais podemos chegar a compreensão do que se trata o discurso. O discurso é uma organização além da frase. Para ele, o discurso se organiza em diversas estruturas, sendo estas verbais ou não-verbais. Todo discurso é uma forma de ação sobre o outro e sobre o mundo com intuito de modificar uma situação, assim toda forma discursiva é interativa porque pressupõe um interlocutor, mesmo que não se o conheça.

A fala sempre se refere a um sujeito indicando a sua temporalidade e espacialidade e evidenciando, dessa maneira, a contextualização na qual o discurso fora enunciado. Apenas dessa forma poderá se aferir um sentido a tal discurso. O autor complementa ao dizer que os efeitos de sentidos de um discurso podem ser múltiplos e são construídos socialmente, uma vez que o sentido não é

decifrado ou dado, o(s) sentido(s) para o autor são “[...] continuamente construídos e reconstruídos no interior de práticas sociais determinadas”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 29).

Essas reflexões nos levam a considerar que todo discurso não está isolado. Para compreendê-lo, é necessário evocar outros discursos anteriores, enunciados que circulam, discursos concorrentes, etc. O discurso só pode ser considerado em um jogo direto com um interdiscurso. Por último, é necessário dizer que cada discurso corresponde ou responde diretamente à normas, sendo elas que organizam um enunciado, a forma como ele é estruturado e em que contextos eles são originados. Segundo Maingueneau (2015, p. 81), todo discurso ou todo enunciado se origina dentro de uma formação social e uma formação ideológica, por isso, “[...] toda enunciação é habitada por outros discursos”, por meio dos quais um discurso é construído.

A construção de um discurso pode se aproximar a outros, enquanto pensamos na significação de sentidos, mas a sua construção é dada de forma distinta, se pensarmos o contexto em que foi produzido e por qual sujeito, como nos lembra Maingueneau (2015) ao falar da heterogeneidade do(s) discurso(s). Manhães (2009) nos ensina que o sujeito deixa suas marcas no discurso e é a partir desses indicadores que os analistas podem acessar o discurso e compreender, dessa forma, sua construção e seus sentidos. “Ao se apropriar da linguagem e construir um discurso, o sujeito deixa pegadas que nos permitem identificar sua presença e o modo como foi construído o enunciado”. (MANHÃES, 2009, p. 313).

Para Orlandi (2005), a noção de discurso extrapola a ideia de simples troca de informações entre um emissor e um receptor. Para a autora os sentidos de um discurso são construídos em um processo de significação concomitantemente a todos os sujeitos

envolvidos. Para ela, o funcionamento da linguagem pressupõe “uma relação de sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (ORLANDI, 2005, p. 21) e é a partir dessa dinâmica que há um complexo processo de constituição dos sujeitos.

Ainda de acordo com a autora, o discurso funciona assim como efeito de sentidos entre locutores. Pensar a linguagem como mediadora entre os sujeitos nos leva a entender que a língua não é apenas uma estrutura que funciona como suporte de um discurso, ela é, na verdade, “condição de possibilidade do discurso”. Por meio da linguagem em uso, podemos acessar os processos históricos, privilegiando as condições de produção, a recepção e os efeitos de sentido. Assim, pensando em discurso a partir das relações entre sujeitos, em determinado tempo e espaço, entremeada por interdiscursos e questões sócio-históricas, é possível afirmar que o discurso perpassa e perpetua as sociedades, sua cultura e seus valores.

Discurso, cultura e ensino: os porquês do nosso trabalho

A partir dessa trajetória conceitual e guiando-nos por algumas dessas bases teóricas, qual seria a conexão que estabelecemos em nossos estudos para relacionar discurso, cultura e ensino? É comum que alguns investigadores de outras áreas (ou professores atuantes mais tradicionais) neguem as concepções de discurso aqui apresentadas ou porque as consideram abstratas demais para serem aplicadas ou porque somente conseguem associar discurso a uma visão limitada a aspectos político-ideológico ou, simplesmente, porque equiparam de forma também genérica e superficial a concepção de texto à de discurso. A linguagem em uso, contudo,

implica pensar em todas as situações comunicativas que perpassam a sociedade. Assim sendo, o discurso está materializado nos diferentes gêneros do discurso socialmente legitimados, materializados em linguagem verbal ou não-verbal, mas também está no silêncio, no tom, no corpo e nas relações em geral. Pensar em processos interativos é pensar em discurso, dessa maneira, ele também traz e revela marcas culturais de um ou vários grupos sociais e, ao mesmo tempo, em que engloba, é envolvido por rasgos culturais. Por conseguinte, pensando em tudo que envolve o ensino, em sentido mais amplo, não entendemos outro modo de vê-lo que não seja relacionado ao discurso e também à cultura, uma vez que a linguagem é um meio de representação da cultura de um povo.

A linguagem em uso, contudo, implica pensar em todas as situações comunicativas que perpassam a sociedade. Assim sendo, o discurso está materializado nos diferentes gêneros do discurso socialmente legitimados, materializados em linguagem verbal ou não-verbal, mas também está no silêncio, no tom, no corpo e nas relações em geral. Pensar em processos interativos é pensar em discurso, dessa maneira, ele também traz e revela marcas culturais de um ou vários grupos sociais e, ao mesmo tempo, em que engloba, é envolvido por rasgos culturais. Por conseguinte, pensando em tudo que envolve o ensino, em sentido mais amplo, não entendemos outro modo de vê-lo que não seja relacionado ao discurso e também à cultura, uma vez que a linguagem é um meio de representação da cultura de um povo..

A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera com um sistema representacional. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos

nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos. (HALL, 2016, p. 18).

Além disso, é na/pela linguagem que os sujeitos interagem. Esses processos merecem atenção por serem tão complexos quanto o próprio conceito de cultura para as ciências em geral, de acordo com Hall (2016) e Bosi (1995). Assim, a cultura não se define somente pela produção artística, pelos hábitos ou costumes, pelo folclore, pelas práticas sociais de determinado grupo. Ela é tudo isso, mas também e, sobretudo, é a produção de sentidos que se origina pelas relações entre os sujeitos e o mundo que os rodeia. “A cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e “deem sentido” às coisas de forma semelhante”. (HALL, 2016, p.20). Nessa memória discursiva, cujo arquivo é responsável pelo compartilhamento de saberes está o ensino, entendido de forma ampla, tanto para o ensinar quanto para o aprender, embora saibamos que são processos distintos.

As práticas educativas passíveis de análise pela AD são inúmeras, neste primeiro momento de execução dos projetos de pesquisa. O Grupo DICE tem se dedicado basicamente às: práticas educativas de ensino de leitura e escrita em perspectivas discursivas. Conseqüentemente, tangenciamos o estudo: dos gêneros do discurso, das ações epilinguísticas para o ensino da leitura, das estratégias cognitivas de leitura e do letramento e das práticas educativas, que se dedicam aos lugares do dizer, inclusão e legitimidade discursiva ⁴³.

43 Recentemente, o grupo iniciou aplicação de conceitos da AD em Linguística

Além disso, para considerar o ensino, em perspectiva discursiva, não significa apresentar respostas prontas ou ensimesmar-se em uma única base teórica. Significa, pois, entender o ambiente escolar em plenitude, considerando-o em seus diferentes processos de interação, sejam eles gêneros orais ou escritos de produção. É importante considerar para esse processo as suas transformações ou ausência das práticas de ensino e suas nuances variadas. Entendemos que todas elas envolvem interação, assim, compreendemos que as relações discursivas, em grande medida, são parte significativa do processo de ensino e aprendizagem.

É relevante, portanto, assumir o ensino de línguas para além da frase e do ensino gramatical descontextualizado. É necessário que se foque nas interações entre os sujeitos e os gêneros do discurso, mas também nas possibilidades de efeitos de sentido, cujos aspectos fundamentam a produção e a recepção de gêneros do discurso. Acreditamos que todas essas relações são significativas para a ativação das estratégias cognitivas.

Nesse sentido, os mais variados objetos podem interessar e interessam ao grupo: desde procedimentos metodológicos de ensino de leitura e escrita, passando pela análise de materiais didáticos e letramento nos diferentes níveis de ensino, até a compreensão da linguagem inclusiva, ensino remoto e processos de interação na rede. A partir desses cenários de observação buscamos refletir o discurso e suas especificidades, tais como, o discurso da negritude, o discurso da resistência e o discurso feminista. Todos em convergência com as condições sócio-históricas em que são produzidos. Diante o exposto, é importante fazer um alerta. Todos os aspectos levantados acima e outros aparecem no ensino de Língua Portu-

Forense, entendendo a linguagem e o sistema jurídicos em suas peculiaridades como elementos que formam parte da cultura de uma sociedade, porém, essa ação gerou um outro projeto e grupo de pesquisas associados ao DICE (o GELF – Grupo de Estudos em Linguística Forenses).

guesa e na matriz de referência nos diferentes eixos previstos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), porém, nem sempre são considerados por muitos pesquisadores/as.

Para ilustrar o que queremos dizer, evocamos da nossa memória o modo com que determinados assuntos são abordados tradicionalmente em sala de aula. Um exemplo dessa prática que aparta os aspectos discursivos de um componente gramatical é o ensino das conjunções coordenativas. Normalmente, o profissional constrói uma prática que se detém a simples memorização das conjunções e das estratégias de uso delas para efeitos de sentido, como podemos verificar a seguir: e – conjunção coordenativa aditiva – serve para acrescentar sentido. Memoriza-se essa regra e utiliza-se esse “conhecimento” em exercícios de sistematização, preenchimento de lacunas e busca de informação no texto. Tradicionalmente, não se extrapola esse mecanismo de memorização e aplicação da regra.

Em contrapartida, o ensino preocupado com os aspectos discursivos, explora os usos de tais conjunções em diferentes gêneros do discurso e distintas situações comunicativas. O/a professor/a pode fazer uso de canções populares, por exemplo, em que a conjunção aditiva aparece e funciona diferentemente da situação prototípica. Ao invés de adicionar ideias, a conjunção “e” pode funcionar como elemento de oposição ideias, função prototípica de outra conjunção: “mas”. Outros exercícios podem ser propostos pelo professor/a, como: trabalhar com retextualização em que os alunos agem como editores dos próprios textos utilizando as conjunções; ou ainda, pode ler parágrafos de textos jornalísticos analisando os efeitos de sentido produzidos por essas conjunções nesse tipo de texto, altamente circulado e que está presente no cotidiano dos próprios estudantes.

O caminho se faz caminhando: o dice em ação

Tendo em mente as concepções expostas nas seções anteriores, o Grupo DICE, embora seja recente, já trilha um caminho robusto em pesquisas voltadas para o discurso, a cultura e o ensino. O trabalho do DICE é uma extensão dos olhares investigativos já desenvolvidos no Grupo de Estudos em Linguagem e Cultura – GELC. Nesse sentido, a fim de elucidar os caminhos de pesquisa que percorremos, resumidamente, já acolhemos e desenvolvemos os seguintes estudos:

Quadro 1 – Estudos desenvolvidos/em desenvolvimento classificado por eixos de trabalho

Título	Propostas de trabalho
Enunciado e processo argumentativo meritocrático	Pautando-se em estudos enunciativo-discursivos, especialmente das ideias e teorias de Benveniste (1989), Maingueneau (2002, 2013) e Bakhtin (2006), analisaremos enunciados enviados em diferentes grupos de WhatsApp no ano de 2018; período de eleições que dividiu o país em extrema direita e esquerda. Este trabalho, por dos ensinamentos dos teóricos selecionados, busca analisar como o discurso meritocrático está inserido na Análise do Discurso para verificação dos processos argumentativos dos enunciados selecionados no gênero virtual e propor uma reflexão sobre as estratégias de argumentação utilizados pelos autores dos enunciados. O método utilizado pauta-se em uma fundamentação e aplicação teórica de linguistas da enunciação já citados e também os resgates de alguns aspectos da análise do discurso. (...)

<p>Enunciado e sociedade: análise dialógica de um <i>meme</i></p>	<p>Com uma pesquisa de metodologia qualitativa de cunho documental, utilizou-se da perspectiva da Linguística da Enunciação, para desenvolver um estudo de análise. Buscando um conhecimento dialógico dentro de textos do nosso cotidiano, optou-se por analisar e utilizar como corpus dessa pesquisa um “meme” retirado da página @chapolinsincero na internet. Tomando como base o dialogismo de Mikhail Bakhtin, e a questão de que não existe um enunciado isolado, mas sim, enunciados que estão sempre em inter-relação com outros, dialogando com fatos diversos sejam eles históricos, sociais ou midiáticos. (...)</p>
<p>A terça-feira gorda de quê? Uma reflexão sobre a constituição dialógica do conto “terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu.</p>	<p>A fortuna crítica do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu aborda frequentemente temáticas polêmicas e tabus presentes na sociedade. Dentre esses temas causadores de reboiços se destaca a homossexualidade, que pode ser observada no conto “Terça-feira gorda”, o qual apresenta o assassinato de um casal homoafetivo. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da constituição dialógica existente nesse conto e como ela contribui na construção da crítica tecida pelo autor, buscando reunir elementos discursivos e culturais. Para tanto, respalda-se nos fundamentos teóricos do linguista russo Bakhtin (1988, 2003), mais especificamente no conceito de dialogismo. Portanto, apresenta-se a análise da referida narrativa e, ao focalizar no modo como se dá o diálogo entre os diversos discursos presentes no conto e quais os efeitos de sentido por eles produzidos, notou-se a existência de uma crítica às formas como se estabelecem as relações entre sujeitos e entre indivíduo e sociedade. (...)</p>

<p>O discurso de ruptura com a figura idealizada de mulher em Memorial de Maria Moura</p>	<p>O presente trabalho é um breve estudo sobre a representação do feminino na obra da escritora brasileira Raquel de Queiroz em Memorial de Maria Moura (1992), narrativa escrita em primeira pessoa, a autora busca evidenciar várias problemáticas do Nordeste e do Brasil como um todo. Buscando destacar o rompimento com a figura idealizada de mulher feita pela protagonista na obra, este utilizará como metodologia, a análise do discurso no romance aqui citado, destacando o ethos, “que por meio da enunciação revela a personalidade do enunciador”, como afirma Maingueneau (1998, p.98) utilizada neste como amparo teórico e Carreira (2004). Ainda sobre o apoio teórico de Maingueneau (1998), as definições de caráter que “corresponde a uma gama de traços psicológicos” e corporalidade que “corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social”, destacadas em sua obra serão essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa. (...)</p>
<p><i>Ethos</i> docente x construção midiática: uma (des)construção histórica</p>	<p>Historicamente, é de senso comum, no Brasil, criticar e depreciar o quadro educacional. Tornou-se uma tendência no pensamento popular asseverar que educação é uma área que carece em muitos âmbitos como, estrutura, profissionalização dos envolvidos, mudanças e reformas nos modelos de ensino. Contudo, tem se a presença de um agente nesse meio que é o mais culpabilizado nesses processos, o professor é sim primordial parte dessa estrutura e, é consenso social que à grosso modo ele é a face da educação, fazendo-o mais suscetível a críticas de modo geral, perseguições e idealizações, ou seja, há discursos que constroem e destroem a imagem docente. O que se pode garantir é que tal ideia negativa acerca da figura do professor existia e ainda existe, do contrário a realidade educacional no Brasil teria outros rumos. (...) O corpus são manchetes e notícias, a mídia virtual, e escolheu-se como um dos principais referenciais Maingueneau (2004-2010).</p>

<p>Análise das cenas de enunciação na construção do horror de Junji Ito</p>	<p>Com a rápida popularização dos mangás em solo ocidental, trazendo elementos da cultura japonesa para a vivência do leitor brasileiro, é fácil identificar a busca por material com temáticas já bem conhecidas e aceitas, como o terror, assim nos aparece o autor Junji Ito. Buscando referências de estilos artísticos – como o pontilhismo, expressionismo, impressionismo, etc – e pintores renomados, Ito construiu seu próprio traço e o amadureceu conforme os anos. Sendo agora um artista que esbanja experiência e se tornou referência para a nova geração, sua arte grotesca é o que verdadeiramente fica guardada na memória, se tornando popularmente conhecido como mestre do terror oriental. O recorte para a pesquisa foi a coleção de histórias mais recentemente lançada no Brasil: Fragmentos de Horror, obra de 2014, com destaque para o capítulo Futon. Objetivando desvendar o que torna essa obra tão chocante e elogiada, foram analisadas as técnicas narrativas usadas para a criação de sentido nessa literatura, a fim de perceber o que prende a atenção do leitor e descobrir os fenômenos linguísticos manifestantes nesse gênero. Para alcançar esse objetivo, foram usadas as teorias de Maingueneau (1997) sobre as cenas de enunciação e cena validada, também, a teoria sobre a criação do conto de Moisés (1967). (...)</p>
<p>(INTER)AÇÕES: texto, discurso e leitura inter-relacionados com práticas de ensino de linguagem</p>	<p>Este projeto dá início a investigações em rede (UFG-UFPE-UFLA-PUC e UFPT) sobre discurso, texto, leitura e letramentos a partir das concepções teóricas que envolvem essas categorias na Linguística com a utilização dos princípios da AD e ISD com vistas a contribuições para o ensino e o aprendizado da leitura</p>

<p>Pedagogias ativas, Análise de discurso e letramento acadêmico: uma experiência na monitoria de “Introdução aos Estudos da linguagem”</p>	<p>Todos os âmbitos da vida e atividade humana, por mais diversos que sejam, estão sempre em constante diálogo com a língua. Logo, não é surpreendente que o caráter e as maneiras que se dão essas relações dialógicas sejam tão variadas quanto os próprios âmbitos da vida humana. Mais além, cada enunciado carrega consigo condições e fins específicos para cada uma das esferas de uso da língua e os “tipos relativamente estáveis de enunciados” são denominados de gêneros do discurso (BAKHTIN,1997). Nesse sentido, a utilização de metodologias diversificadas com uso de gêneros orais e escritos do cotidiano em prol da compreensão das teorias linguísticas para letramento acadêmico crítico na disciplina Introdução aos Estudos da Linguagem é o tema motivador dessa pesquisa, que se apresenta como relato de experiência e análise de resultados e tem por objetivo compartilhar com a comunidade um processo investigativo na monitoria, além de discorrer acerca das conclusões sobre o processo de letramento acadêmico aliado ao gêneros do cotidiano. Ademais, esse trabalho é de natureza exploratória, de caráter qualitativo e tem como corpus os resultados obtidos durante a disciplina de Introdução aos estudos da Linguagem. Para analisar os dados compilados, respalda-se nos fundamentos teóricos de Bakhtin (1992, 2003, 2010), Machado (2007), Marcuschi (2005, 2008, 2010), Soares (1999) e Street (1984, 2014).</p>
---	--

<p>Letramento Digital e Fake News: “Pensando duas vezes antes de compartilhar”</p>	<p>Nesse projeto de pesquisa, iremos analisar o letramento digital relacionado à Fake News. (...)</p> <p>A divulgação de Fake News sempre fez parte da sociedade e cultura de todos os povos, com certa ênfase na brasileira (foco deste trabalho), mas tomou medidas desastrosas, quando se encontrou com o meio digital. A imprensa internacional começou a usar o termo em abundância nas eleições americanas de 2016 quando Donald Trump foi acusado de usá-las como favorecimento na sua eleição. Com isso, fomentou a discussão sobre notícias falsas no âmbito político, cultural e social. (...)</p> <p>“Esta instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador a suas regras, ela igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar. Uma tal concepção, opõe-se a qualquer concepção “retórica”: aquela que coloca dois indivíduos face a face e lhes propõe um repertório de “atitudes”, de “estratégias” destinadas a atingir esta ou aquela finalidade consciente. Na realidade, para AD, não é possível definir nenhuma exterioridade entre os sujeitos e seus discursos” (Maingueneau, 1997, p.33).</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Considerações finais

Este capítulo funcionou como uma apresentação do Grupo de Pesquisa DICE (Discurso, Cultura e Ensino), registrado em 2018, agregando pesquisadores do antigo GELC (Grupo de Estudos de Linguagem e Cultura) e outros. Também cumpre a função de celebrar o I Encontro Interinstitucional Online de Pesquisadores e registrar nosso primeiro movimento com o intuito de interagir em rede tanto para pesquisas quanto para ouvir outras fontes e pes-

quisado- res que dialoguem (inter) e transdisciplinarmente com a Análise do Discurso.

Escrevê-lo pressupôs passear por nossos planos e temáticas, isto é, ilustrar movimentos que servirão também como um convite aos leitores-pesquisadores e futuros pesquisadores a se juntarem à nossa legião de seres inquietos e leitores da realidade discursiva e institui o Projeto de Pesquisa: DICE em Rede. Aspiramos que, ao se juntar aos demais capítulos de tantos colegas, instaure o primeiro de muitos livros e muitas coleções e sirva de diálogo e aprendizado.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e Culturas brasileiras. *In*: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CANO, Márcio. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 2012. 185 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CARREIRA, Rosângela. **Paratopia e Proxêmica Discursiva: Discurso e Resistência na Literatura**. São Paulo: Editora Blucher, 2020.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. (2012). A domesticação dos

- agentes educativos: há alguma luz no fim do túnel. **Revista Inter-Ação**, v. 37, n. 1, p. 37-50, 2012.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/ Editora PUC/RIO, 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. *In*: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 5, 2009. Disponível em: <http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.